



16 a 18 de novembro de 2016
Dourados, MS

Tema Agroecologia e soberania alimentar:
saberes em busca do bem viver

- 2º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 1ª Jornada Internacional de Educação do Campo
- 6º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 5º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 2º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

AGRICULTURA DE MOÇAMBIQUE

José Maria do Rosário Chilaúle Langa

Investigador Associado

Centro de Análise Políticas - CAP

Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Falar sobre a agricultura de Moçambique é algo importante e necessário e pode ser feito usando várias escalas, para melhor entender esta atividade nos dias de hoje, afinal esta, vem se desenvolvendo em Moçambique e no Mundo tendo em conta várias forças, internas como externas, com destaque nos últimos tempos, para a Questão Agrária, que vem avançando para outros territórios.

Faz sempre a divisão entre a agricultura familiar e agricultura industrial e este texto vai priorizar a agricultura familiar, exatamente por esta se aproximar da centralidade deste evento, a **Agroecologia** e **Agricultura Sustentável**.

A agricultura familiar em Moçambique constitui a atividade econômica muito expressiva, pois é a base de sobrevivência de mais de 71% da população, num universo populacional de mais de 25 milhões, sendo esta, responsável pela produção culturas alimentares em pequena escala como: milho, mapira, mexoeira, arroz com casca, amendoim, feijão e mandioca. (INE, 2014)

Segundo Mosca (2014) os sistemas de produção “tradicional” sofreram ao longo de décadas, diferentes níveis de transformação em consequência da intensidade de penetração do capital no meio rural, sobretudo o agrário, comercial e o da extração de recursos naturais.

Desde o tempo colonial, a agricultura familiar sempre buscou produzir alimentos, não usando algum agrotóxico em seu processo de produção, tendo como base de sua produção a sustentabilidade presente e vivida, mesmo que não sistematizada nos moldes da hegemonia do capital, como temos visto nos dias de hoje.

Este cenário nos remete a pensar no seguinte; em Moçambique e em outras comunidades rurais, tradicionais e indígenas, desde muito tempo pratica-se essas agriculturas, e essa prática vem muito antes dos tempos em que foram sistematizados os conhecimentos sobre a agroecologia.

A agroecologia e agricultura sustentável são assuntos que vem se construindo nas academias e as nossas sociedades desde os finais dos anos 80 e início dos anos 90, muito depois da expansão Bantu, que tem cerca de mais de 3000 a 4000 anos (Lwanga-Lunyiigo e Vansina, 2010). Período onde os povos africanos saíram da selva equatorial, região esta que é hoje ocupada pelos Camarões e pela Nigéria, e dividiram-se em dois movimentos diferentes: para o Sul e para Leste de África, criando assim a maior migração jamais vista na África. Um dos motivos dessa migração foi a procura de novas terras férteis para a prática da agricultura, entre outros. Esses povos hoje ocupam terras onde localiza-se Moçambique, África do Sul, Malawi, Zâmbia, Zimbabué e outros países do sul de África.



- 2º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 1ª Jornada Internacional de Educação do Campo
- 6º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 5º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 2º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

Tema Agroecologia e soberania alimentar:
saberes em busca do bem viver

Ora, vejamos, se desde essa época os africanos já praticavam a agricultura sustentável, por que não se deu valor a essa atividade por eles praticada? Quando se fala de agroecologia e ou agricultura sustentável, primeiramente se pensa em Alemanha, Japão, Áustria, Estados Unidos entre outros países do ocidente, assim sendo, não é a prática da agroecologia que têm valor em nossas comunidades e sociedades, mas sim, mais uma vez o que tem força e valor é o poder do capital veiculado numa prática escolhida pelos detentores deste.

O capitalismo mais uma vez, toma formas de vender o antigo, como se fosse novo e anunciasse uma nova era, neste caso a agricultura sustentável, prática que foi com a industrialização apagada, em vários lugares do mundo.

Muitos povos já foram chamados atrasados, subdesenvolvidos por viverem a base de agricultura, e principalmente a agricultura sustentável, como é o caso do povo moçambicano, durante a colonização.

Hoje é tido como indivíduo com conhecimento e respeitador da natureza aquele que busca produzir e ou comprar produtos alimentícios vindo da agroecologia e ou agricultura sustentável, ora, muito poucos são aqueles que conseguem adquirir no mercado esses produtos, pois o seu valor no mercado promove a exclusão, isto é, nem sempre quem trabalha tem recursos e poder de compra, dando assim, mais uma vez a característica de produto capitalizado nesta prática, somos todos chamados para praticar estas atividades mas poucos tem a capacidade de adquirir seus produtos, quanto estes chegam no mercado.

Em Moçambique, quase todos os agricultores familiares desenvolvem a agricultura sustentável, usando a técnica de pousio em seus campos, alterando entre a produção de três ou quatro culturas com a criação de gado, em seus pequenos campos.

Basicamente nessa agricultura, são produzidos hortícolas e cereais, que são em quase todo país a base alimentar, sendo: mais de 3 800 000 ha. destinado para a agricultura de pequena escala (INE, 2010).

O que normalmente acontece, segundo o censo agropecuário de Moçambique de 2010, as culturas que são produzidas dentro da base técnica da agricultura familiar, têm pouco valor no mercado, forçando muitos agricultores familiares a cultivarem outras culturas, como gergelim, soja, cana de açúcar, tabaco, girassol e algodão, que são o foco do agronegócio, que em sua maioria são demandas internacionais, principalmente pelo o fato de Moçambique apresentar um dos maiores recursos para a prática da agricultura, a Terra.

Moçambique também viu num passado bem recente suas terras serem destinadas para produzir culturas ligadas ao agronegócio dos combustíveis, com destaque para a cultura de jatropha e cana de açúcar. Segundo Langa e Camacho (2010) Moçambique iria experimentar quase todas as dinâmicas do agronegócio vividas no Brasil, depois da produção etanol viria a produção eucalipto como matéria prima obtenção de papel.

Associada a este fenômeno do agronegócio, está a usurpação de terras, segundo (JA e UNAC, 2011) a usurpação de terra ocorre em Moçambique e é facilitado pelas inúmeras falhas em todo o processo de atribuição do Direito de Uso e Aproveitamento de terra,



16 a 18 de novembro de 2016
Dourados, MS

Tema Agroecologia e soberania alimentar:
saberes em busca do bem viver

- 2º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 1ª Jornada Internacional de Educação do Campo
- 6º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 5º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 2º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

beneficiando os investidores em detrimento das comunidades rurais. Constituem fatores que contribuem para o fenômeno de usurpação de terra, o fraco conhecimento das comunidades sobre os seus direitos e lei de terras, a fraqueza institucional dos governos locais, a corrupção de autoridades e líderes comunitários e a falta de consciência sobre os benefícios dos processos formais de posse de terra. A maior agravante neste fenômeno é a vulnerabilidade resultante das inúmeras carências características da pobreza a que estas comunidades estão sujeitas leva a que estas sejam facilmente ludibriadas com promessas de melhoria de condições básicas de vida.

Langa (2012) apresenta um crescimento considerável de empresas que buscam em Moçambique desenvolver atividades que visam dar vida ao agronegócio, são elas: Petrobrás e Açúcar Guarani S/A de capital brasileiro, Galp, de capital Português, SunBiofuels de capital inglês e a Italiana Bioenergy. Estas companhias inseriram-se no mercado moçambicano com objetivo de introduzir culturas para a produção de agrocombustíveis visando o mercado internacional.

Mais recente é muito falado do Programa para o desenvolvimento da agricultura nas savanas tropicais em Moçambique - ProSavana trilateral entre Moçambique, Brasil e Japão que juntos podem acabar cerca de 500.000 hectares de Terra, contribuindo dessa forma para migração ou expropriação dos agricultores familiares de suas Terras.

Pensando na proposta do evento é muito importante abrir discussão sobre luta e resistência enaltecendo a movimentação da União Nacional de Camponeses – UNAC, Justiça Ambiental – JÁ, entre outros atores, a favor da agricultura familiar, afinal a vivência dos camponeses mais uma vez não é importante, se esta não está ligada ao capital, sendo por isso, marginalizados sob ponto de vista de políticas públicas.

Assim sendo, algumas questões são importantes serem lançadas hoje para debate presente e até futuros:

1. Até que ponto nós, nas academias não estamos a fomentar a expansão do capitalismo, quando apoiamos e ou defendemos essa agroecologia e ou agricultura sustentável.
2. Por que esse retorno ao movimento de uma agricultura sustentável e a agroecologia, sem reconhecer quem sempre a fez.

Estas duas perguntas, se fazem necessárias para pontuar, mais uma vez que o capital é que vem ditando nossas vivências, excluindo no dia a dia, saberes e práticas de comunidades e rurais, tradicionais e indígenas.

O capitalismo, usa seu poder, muito ligado a política, para fazer seu território, agricultores familiares vendo seus produtos, não tendo devido valor no mercado, migram para fazer agricultura que mais rendem e garantem o sustento de suas famílias. Muitos dos camponeses começam a trabalhar para empresas que cultivam e produzem culturas como mercadorias, deixando para segundo plano suas atividades, tudo isso por falta de políticas que



16 a 18 de novembro de 2016
Dourados, MS

Tema Agroecologia e soberania alimentar:
saberes em busca do bem viver

- 2º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 1ª Jornada Internacional de Educação do Campo
- 6º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 5º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 2º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

asseguem ou defendam a agricultura familiar, mesmo sendo a esta atividade que comporta maior número da população.

Segundo Mosca (2014, *apud* SMART, HANLON, 2014, p. 197-198). é preciso pensar muito sobre essa agricultura familiar, principalmente, quando deseja-se acabar com a pobreza, pois para estes autores, através da pequena exploração, não é possível sair da pobreza e apresentam, como solução, a emergência de muitos agricultores comerciais. Os moçambicanos das zonas rurais provavelmente vão seguir um de quatro caminhos: (1) ficarem pobres; (2) emigrar para as cidades e vilas em busca de emprego ou sobreviver no sector informal; (3) assalariarem-se no meio rural, particularmente na agricultura; (4) expandir a sua área, transformando-se em agricultores comerciais.

Associado a isto, temos a questão da Terra em Moçambique, que deve ser profundamente debatida pois, ela apresenta cenários de disputas e conflitos, que levam mais uma vez para o não sucesso da agroecologia e da agricultura sustentável.

Desde o tempo colonial, as terras aráveis em Moçambique foram destinadas para a prática da agricultura industrial, os camponeses e a agricultura familiar foram excluídas, onde até muitos dos camponeses foram levadas a fazer o trabalho escravo, obrigados a trabalhar nesses campos para agricultura industrial. Com independência política de Moçambique no ano de 1975, a terra foi nacionalizada, mas esta foi parar nas mãos das empresas estatais e cooperativas, para dar vida as *machambas*¹ do povo.

Mais uma vez, os camponeses, os agricultores familiares não tiveram terra, pois sempre houve falta de uma política para desenvolver suas atividades.

Os slogans “a libertação dos homens e da terra” e o fim da “exploração do homem pelo homem” foram utilizados para a nacionalização. Porém, os camponeses não viram concretizadas as suas expectativas de recuperação das terras ocupadas com a colonização. As empresas estatais e as cooperativas, no quadro da socialização do meio rural e da coletivização agrária, ocuparam as terras deixadas pelas empresas dos agricultores que abandonaram o país (MOSCA, 2014, p. 13).

Com isso, como pensar na agroecologia, num país em que os agricultores familiares e camponeses, vivem sendo excluídos dos vários sistemas agrários e que a fome e pobreza são ainda presentes em seu cotidiano? Como falar de agroecologia, num país onde o camponês ainda não é dono de sua Terra? E por fim, para quem a agroecologia e agricultura sustentável?

BIBLIOGRAFIA

- INE, Anuário estatístico 2014 – Moçambique. Maputo. 2014
- LANGA, J. M. do R. C., Análise de impactos da produção de alternativas agroenergéticas em Moçambique: o caso da província de Manica. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. 2012.

¹ Área destinada a prática da agricultura.



16 a 18 de novembro de 2016
Dourados, MS

Tema Agroecologia e soberania alimentar:
saberes em busca do bem viver

- 2º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 1ª Jornada Internacional de Educação do Campo
- 6º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 5º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 2º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

LANGA, J. M. do R. C; CAMACHO, R. S. Mudança da matriz energética e os agrocombustíveis: reflexões acerca de Moçambique e o Brasil. In: XVII ENSUL – **Encontro Sul Matogrossense de Geógrafos: Novas Idéias e Perspectivas em Geografia - Três Lagoas**, Mato Grosso do Sul. UFMS ANAIS-CD ROOM. 2010.

LWANGA-LUNYIIGO, S.; VANSINA, J. Os povos falantes de Bantu e sua expansão In: EL FASI, M.; HRBEK, L. (Ed.). **História Geral da África III – África do século VII ao XI**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 1988/2010. p. 169-196.

JUSTIÇA AMBIENTAL & UNAC. Os senhores da terra: análise preliminar do fenómeno de usurpação de terras em Moçambique. Maputo, Moçambique. 2011.

MOSCA, J. Agricultura familiar em Moçambique: ideologias e políticas. WP 127 / 2014 CEAs. Lisboa - Portugal. 2014.